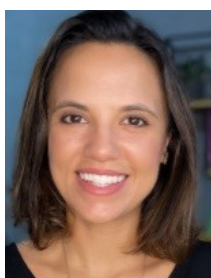
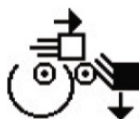


EU + VOCÊ = NÓS: EXPERIMENTAÇÕES CROMÁTICAS NA EDUCAÇÃO COM SURDOS

Me + You = Us: Chromatic Experimentations in Deaf Education



Milena Quattrer¹



Welton Fernando Zonatti²



Maria Clara Cylindro Machado³



¹ Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mquattrer@ines.gov.br

² Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; wzonatti@ines.gov.br

³ Rio de Janeiro, RJ, Brasil; clarithmachado97@gmail.com

RESUMO

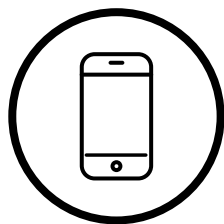
Este artigo apresenta a proposta artístico-pedagógica, desenvolvida com alunos surdos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A iniciativa investigou noções de identidade, alteridade e pertencimento por meio de práticas visuais e experimentações cromáticas. Foram realizadas atividades como autorretratos, retratos de observação, colagens com papéis coloridos, mistura de cores, construção de silhuetas corporais e experimentações com tinta. As atividades permitiram aos alunos surdos explorar representações de si e do outro, promovendo reflexões sobre identidade, diversidade, pertencimento e questões antirracistas. A abordagem valorizou experiências visuais e sensoriais, essenciais à comunicação e aprendizagem nesse contexto, e evidenciou que práticas artísticas favorecem ambientes educativos mais inclusivos, que reconhecem diferentes ritmos, habilidades e formas de participação. Os resultados indicam que experiências artísticas sensíveis e colaborativas ampliam as possibilidades de expressão, participação e construção de sentidos no ambiente escolar contemporâneo e plural.

Palavras-chave: Artes visuais; ensino da cor; educação com surdos; educação básica.

ABSTRACT

This article presents an artistic-pedagogical proposal developed with deaf students in the 6th and 7th grades of K-12 at the National Institute of Deaf Education (INES). The initiative explored notions of identity, otherness, and belonging through visual practices and chromatic experimentation. Activities included self-portraits, observational portraits, collages with colored paper, color mixing, body silhouette construction, and painting experiments. These activities enabled students to explore representations of themselves and others, fostering reflections on identity, diversity, belonging, and anti-racist issues. The approach emphasized visual and sensory experiences, which are essential for communication and learning in this context, and demonstrated that artistic practices support more inclusive educational environments that recognize diverse rhythms, abilities, and forms of participation. The results indicate that sensitive and collaborative artistic experiences expand possibilities for expression, participation, and meaning-making in a contemporary and plural school environment.

Keywords: DVisual arts; color education; deaf education; K-12 education.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**

<https://youtu.be/uyxky0WioVQ?si=UMTiL-g8vkCW2INV>



Introdução

A experiência como docentes de Artes no Departamento de Educação Básica (DEBASI) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, e a atuação no Grupo de Pesquisa *Literacia Visual: pesquisa, ensino e formação docente em Artes* (CNPq/INES) nos possibilitam aprofundar investigações acerca do estudo e do ensino da cor no contexto da educação com surdos, especialmente no âmbito da Educação Básica. Inseridos em um ambiente escolar no qual a visualidade constitui elemento central da experiência educativa, nossas práticas pedagógicas e pesquisas em Artes têm se configurado como importantes disparadores de propostas de ensino-aprendizagem que dialogam com as vivências, inquietações e produções visuais dos alunos surdos.

Compreendemos Artes na educação com surdos como campo privilegiado de construção de sentidos e de elaboração simbólica, no qual a visualidade ocupa papel fundamental na constituição de processos de comunicação e expressão. Como afirma Nicolas Bourriaud, “Quando um artista nos mostra alguma coisa, ele expõe uma ética transitiva que situa sua obra entre o ‘olhe-me’ e o ‘olhe isso’” (Bourriaud, 2009, p.33 – destaque no original). No cotidiano escolar do INES, observamos que as experiências artísticas frequentemente assumem papel relevante na constituição da identidade, no reconhecimento da diferença e na constru-

ção de vínculos de pertencimento à comunidade surda.

Nesse contexto trago também minha contribuição como artista surda e reitero a importância da arte na vida do surdo, como forma de enxergar o mundo, sua cultura e possibilidade de escrever através dela sua própria história (Depoimento de Maria Clara Cilyndro Machado, artista, pesquisadora e professora surda).

A aula de Artes se configura como um espaço potente em diversos aspectos. Na educação com surdos, em especial no Núcleo de Artes do INES, buscamos sempre oportunizar procedimentos de ensino-aprendizagem que possibilitem que alunos com diferentes habilidades e modos de aprendizagem encontrem caminhos próprios para participar das atividades. Estimulamos práticas mais inclusivas, nas quais a diversidade de ritmos, sensibilidades e modos de participação são reconhecidos como parte constitutiva do processo educativo. A presença dos cuidadores⁴ é fundamental nesse processo. Esses profissionais acompanham os alunos durante as atividades, oferecendo apoio quando necessário. Sua atuação contribui para ampliar a participação dos alunos e favorecer um ambiente inclusivo nas práticas artísticas.

No que se refere especificamente ao ensino da cor na Educação Básica, pesquisas e a nossa prática docente indicam que a abordagem não deve se restringir à apresentação de conceitos técnicos ou teóricos, mas envolver a promoção de experiências sensíveis que permitam aos estudantes experimentar, investigar e compreender a cor em suas dimensões perceptivas, culturais e expressivas (Quattrer, 2019). Buscamos sempre articular experimentações cromáticas, técnicas artísticas e reflexões críticas, de modo a contribuir para o desenvolvimento de práticas de ensino-aprendizagem em cor a partir de princípios antirracistas e com a promoção de relações mais inclusivas.

Assim, desenvolvemos a proposta *Eu + você = nós*, concebida como um projeto artístico-pedagógico voltado à investigação das noções de identidade, alteridade e pertencimento por meio de práticas visuais e experimentações cromáticas. A seguir, apresentaremos as atividades desenvolvidas que contemplam a produção de retratos e autorretratos, desenhos de memória, desenhos de observação, fotografia, colagens com papéis coloridos, pintura, projeção, experimentações corporais com tinta e utilização do acervo de figurinos da Modateca - INES.

DESENVOLVIMENTO

No que diz respeito à fundamentação teórica para o desenvolvimento da proposta *Eu + você = nós*, buscamos respaldo nas orientações presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997) e na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), documentos que orientam a organização do ensino de Artes na Educação Básica brasileira e enfatizam a importância da experimentação, da fruição e da reflexão nos processos de aprendizagem artística. Consideramos também a Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa (2012), que propõe a articulação entre o fazer artístico, a leitura de imagens e a contextualização cultural como princípios fundamentais para o ensino de Artes.

Além dessas referências, recorreremos às contribuições de autores que se dedicam ao estudo da cor nas áreas das Artes Visuais, Design e Educação, tais como Andrea Frova (2008), Elide Monzeglio (1972), Luciano Guimarães (2004) e Milena Quattrer (2019). Esses autores abordam questões importantes para a compreensão dos conceitos de teoria da cor, sistemas de organização, processos de percepção e abordagens de ensino-aprendizagem.

⁴ No INES, os cuidadores apoiam a participação dos estudantes na rotina escolar. Eles auxiliam no acompanhamento de alunos que necessitam de apoio motor, contribuindo para garantir condições de acesso e participação nas práticas educativas.

Cabe ressaltarmos as contribuições da artista brasileira Angélica Dass, especialmente seu projeto *Humanae*, em nossa prática pedagógica no INES. A partir das reverberações da oficina ministrada pela artista na instituição, incorporamos, em nosso cotidiano, a técnica, proposta pela artista, de mistura das cores vermelho, amarelo e verde, como estratégia para investigarmos as cores de pele dos alunos (Lyra *et al*, 2023).

Desenvolvemos a proposta *Eu + você = nós* ao longo do ano letivo de 2025, com turmas de alunos surdos do 6º e do 7º ano do SEF2/INES. Iniciamos com a realização do autorretrato, historicamente presente na produção artística, e aplicado na nossa atividade como um recurso para trabalharmos o autoconhecimento e o reconhecimento de si como parte do coletivo, no caso, a turma. Os alunos utilizaram papel sulfite, lápis grafite, lápis de cor, giz de cera e canetinha hidrocor na construção dos retratos. Como recurso de observação e de investigação de suas próprias características, os alunos também utilizaram espelho e a câmera do celular, e foram estimulados a explorar suas cores de pele a partir dos materiais disponíveis (Fig. 1, Fig. 2).

Fig. 1 e Fig. 2: Alunos de 7º e 6º ano na produção de seus autorretratos. Uso de espelho e câmera do celular como recursos de observação para a produção de autorretratos e investigação das cores de pele.



Fonte: Própria.

Ao longo dos anos de atuação como docentes de Artes, um dos avanços mais significativos observados foi a disponibilidade de materiais como lápis de cor e gizes de cera com maior variedade de cores de pele.⁵ A presença desses materiais na sala de aula amplia as possibilidades de representação e identificação dos alunos em suas produções, contribuindo para reflexões sobre identidade, diferença e pertencimento.

⁵ No Brasil, uma das principais iniciativas voltadas à criação de gizes de cera em diferentes tons de pele surgiu a partir de uma parceria entre o programa UNIAFRO, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e a Pintkor. O projeto resultou no desenvolvimento de um estojo com 12 tonalidades de pele, criado como material pedagógico para apoiar professores no trabalho com educação das relações étnico-raciais nas escolas.

Cada aluno recortou seu autorretrato e o colou em uma cartolina maior, junto aos autorretratos dos colegas, formando o retrato coletivo da turma. A atividade proporcionou um momento de reconhecimento de si e do outro, possibilitando a observação e comparação entre os desenhos, as cores de pele e as diferentes soluções adotadas pelos alunos (Fig. 3).

Fig. 3: Retrato coletivo da turma de 6º ano.



Fonte: Própria.

Ao longo do desenvolvimento dos autorretratos, observamos que alguns alunos manifestaram inquietações e inseguranças relacionadas ao seu desenho. Essas falas evidenciaram percepções de dificuldade no ato de desenhar, especialmente no que diz respeito à representação do nariz e das orelhas, por exemplo. Compreendemos que tais observações são parte do processo de ensino-aprendizagem e devem ser acolhidas.

Assim, utilizamos tais inquietações como ponto de partida para uma segunda etapa da proposta: a realização do retrato do outro. Também muito explorado na produção artística, foi utilizado para incentivar a prática da observação, empatia, reconhecimento e valorização das semelhanças e diferenças. Nessa atividade, convidamos os alunos a produzirem o retrato de um colega - e também a serem retratados - sem o uso do lápis, utilizando apenas tesoura, cola e papéis coloridos. Os alunos se organizaram em pares e se sentaram à mesa, posicionados um de frente para o outro. Buscamos, desse modo, incentivar a experimentação com diferentes materialidades, estimular a observação do outro e valorizar a diversidade de soluções possíveis no fazer artístico (Fig. 4, Fig. 5).

Fig. 4 e Fig. 5: Alunas do 6º ano na atividade de retrato por colagem com papéis coloridos.



Fonte: Própria.

No início da atividade, alguns alunos ainda tentaram recorrer ao uso do lápis para desenhar as formas. Contudo, reforçamos que as figuras deveriam ser construídas diretamente com a tesoura, a partir do recorte dos papéis coloridos. Quando questionavam essa orientação, reforçávamos que o procedimento proposto constituía, ao mesmo tempo, um recurso para aqueles que manifestavam dificuldades em desenhar com lápis certas formas e um desafio criativo para todos, incentivando a experimentação e a busca por novas soluções.

À medida que a atividade se desenvolvia, tanto nós quanto os alunos nos surpreendíamos com as soluções encontradas para representar elementos como cabelos, cílios e lábios por meio do recorte e da colagem (Fig. 6). O processo foi marcado pelo entusiasmo e pela descoberta de diferentes possibilidades de construção das imagens. Para um de nossos alunos surdos com baixíssima visão, a experiência mostrou-se particularmente significativa e enriquecedora, uma vez que a atividade mobilizava fortemente aspectos táteis e perceptivos. Aproveitamos para promover a sensibilização das turmas sobre a surdocegueira, discutindo questões relacionadas à acessibilidade e às diferentes formas de percepção do mundo.

Fig. 6: Retrato em papel colorido elaborado por aluna do 6º ano, com destaque para cabelos, cílios e lábios construídos por meio do recorte e da colagem.



Fonte: Própria.

Cabe ressaltarmos que os próprios alunos tomaram a iniciativa de investigar as cores de pele de seus colegas durante o desenvolvimento da atividade. Ao selecionar, comparar e combinar papéis coloridos, buscaram aproximar as tonalidades disponíveis das características observadas nos colegas, enfrentando os desafios de representar a diversidade das cores de pele por meio dos materiais disponíveis (Fig. 7).

Fig. 7: Aluna do 7º ano compara tonalidades de papéis coloridos com a pele da colega durante o processo de investigação das cores de pele.



Fonte: Própria.

Esse movimento surgiu espontaneamente no processo de criação. Em nenhum momento foi estabelecido como objetivo da proposta a produção de retratos fidedignos, mas sim a exploração das possibilidades expressivas do recorte, da colagem e das combinações das cores na produção dos retratos. Assim, os alunos experimentaram diferentes soluções como, por exemplo, peles azuis e laranjas, evidenciando um processo de investigação e liberdade criativa na produção dos trabalhos. (Fig. 8, Fig. 9).

Fig. 8 e Fig. 9: Retratos produzidos por alunos do 6º e 7º ano a partir de recortes e colagens com papéis coloridos, explorando diferentes cores de pele.



Fonte: Própria.

O trabalho com recorte de papéis coloridos estimulou a observação atenta, a experimentação e a reflexão sobre os atributos da cor, isto é, as características ou atributos que percebemos quando observamos uma cor isoladamente (FROVA, 2008, p. 72). Tais atributos são: (i) matiz – posição no espectro eletromagnético; (ii) claridade – variação de clareamento e escurecimento da cor; (iii) e saturação – força ou pureza cromática. Aqui cabe ressaltarmos que, apesar de universais, os atributos da cor recebem denominações e definições diversas em língua portuguesa de acordo com o autor (GUIMARÃES, 2004, p.55). E, no que diz respeito à Língua Brasileira de Sinais (Libras) ainda há uma escassez de sinais e materiais em teoria da cor acessíveis, o que impacta diretamente as práticas pedagógicas na educação básica.⁶

Ao comparar papéis coloridos, os alunos observaram que duas cores “parecidas”, quando justapostas, aparentavam derivar de diferentes matizes. Esse fenômeno tornou-se particularmente evidente na análise das tonalidades de marrom: algumas pareciam tender ao vermelho, enquanto outras se aproximavam do laranja. Nesse processo de observação e comparação, demonstramos, de forma prática, noções como matiz saturado, matiz dessaturado, variação de clareamento e escurecimento da cor e os efeitos perceptivos produzidos pela interação entre as cores.

A partir dessa experiência, introduzimos um conceito fundamental para o trabalho em Artes Visuais: o contraste simultâneo. Esse fenômeno foi identificado pelo químico francês Michel Eugène Chevreul em meados do século XIX e pode ser compreendido como o efeito de influência recíproca entre cores justapostas. Em outras palavras, a percepção de uma determinada cor é diretamente afetada pelas cores que se encontram ao seu redor, de modo que cada cor modifica e é modificada pelas cores ao seu redor (Quattrer, 2019, p.146).

Demos prosseguimento à proposta *Eu + você = nós* com a atividade de construção de silhuetas do corpo em papel kraft, concebida como um retrato coletivo. Isto é, a partir do contorno dos corpos de alguns alunos, desenhados em escala real, o grupo foi convidado a intervir sobre essa forma, recortando, incorporando diferentes materiais, tais como pedaços de papel colorido, tinta guache, retalhos de tecido e aviamentos do acervo da Modateca – INES, expressando ideias, identidades e características individuais e compartilhadas (Fig. 10, Fig. 11).

Fig. 10 e Fig. 11: Alunos do 6º ano no processo de criação das silhuetas em papel kraft.

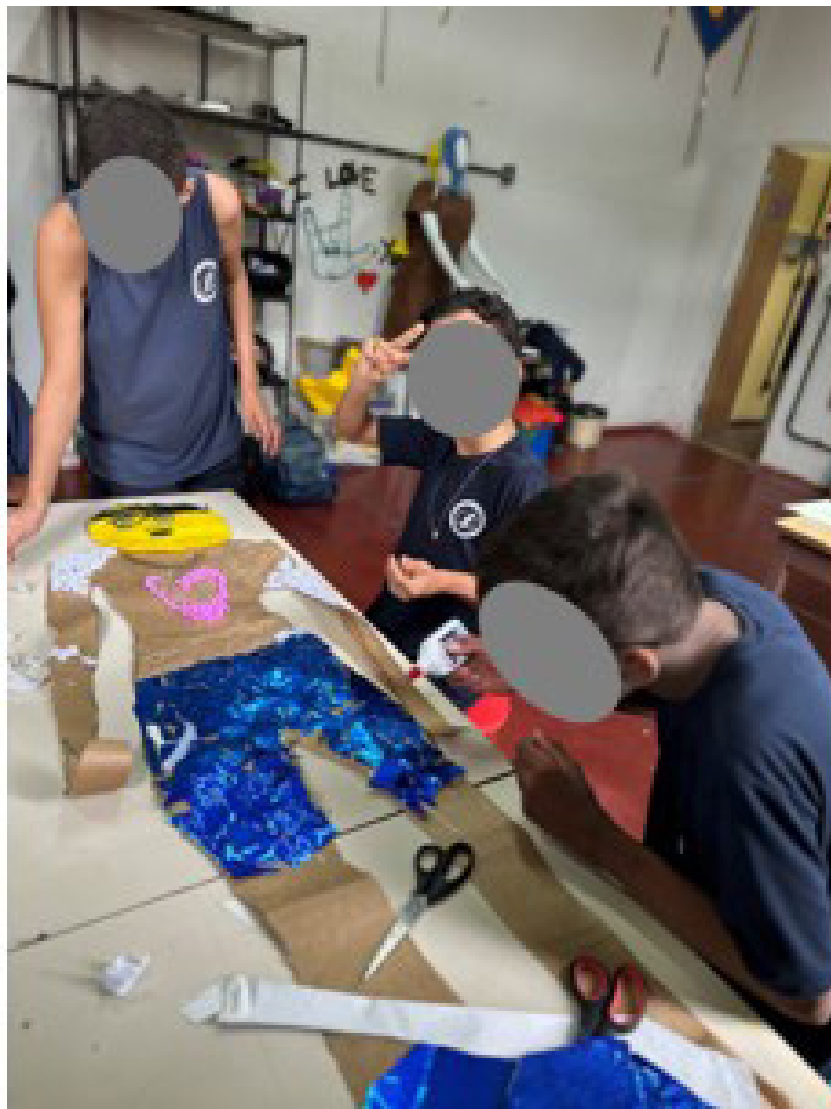


Fonte: Própria.

⁶ Estruturamos em 2020, o Projeto de Pesquisa ‘LabCor – INES: estudo e ensino da cor na educação de surdos’. Entre seus objetivos, destaca-se a proposição e o desenvolvimento de um glossário terminológico em Libras, fundamentado em pesquisa acadêmica e na produção de material audiovisual acessível, contribuindo para o fortalecimento da educação bilíngue e inclusiva no Brasil. A partir de 2025, estabelecemos parceria com o Projeto de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), intitulado SinalArt – Sinalizando Artes, coordenado pela Profa. Dra. Valeria Fernandes Nunes.

Nesse processo colaborativo, cada aluno contribuiu com sugestões, recortes e composições, transformando a silhueta em um espaço de experimentação visual-tátil e de construção coletiva de significados (Fig. 12). Aproveitamos também esse momento para dar continuidade às discussões sobre a surdocegueira, ampliando a reflexão dos alunos acerca das diferentes formas de percepção, comunicação e interação com o mundo

Fig. 12: Alunos do 7º ano no processo de criação das silhuetas em papel kraft.



Fonte: Própria.

A Modateca - INES, por sua vez, demonstrou-se mais uma vez um importante recurso pedagógico na Educação Básica, ao disponibilizar um conjunto diversificado de materiais e texturas que ampliam as possibilidades de experimentação sensorial e de exploração plástica. O acesso a esse acervo favoreceu a investigação da cor, forma e textura, contribuindo para a construção de experiências de aprendizagem mais significativas.

Na etapa seguinte, propusemos o desenvolvimento de autorretratos em bandeirinhas para a tradicional Festa Junina do INES. Para confeccionar as bandeirinhas, inicialmente, os alunos dobraram e recortaram folhas de papel branco no formato A3, definindo o suporte para o autorretrato. O trabalho com a dobradura constituiu um momento importante do pro-

cesso, pois envolveu noções de organização espacial, coordenação motora e compreensão de formas, habilidades relevantes no contexto da educação básica e no ensino de Artes.

Em seguida, fotografamos os alunos e essas imagens foram projetadas no quadro branco da sala de aula (Fig. 13).

Fig. 13: Alunas do 7º ano no processo de criação dos autorretratos nas bandeirinhas juninas.



Fonte: Própria.

Fig. 14 e Fig. 15: Autorretratos nas bandeirinhas juninas de alunos do 6º e 7º ano.



Fonte: Própria.

Mais uma vez, a investigação das cores de pele mostrou-se um aspecto de grande interesse para os alunos (Fig. 16).

Fig. 16: Aluna do 7º ano investiga sua cor de pele com giz de cera.



Fonte: Própria.

Ao final do processo, os autorretratos passaram a compor a decoração da Festa Junina do INES, articulando a prática artística ao contexto cultural das festas tradicionais brasileiras e ampliando a circulação das produções dos alunos no espaço escolar.

Na continuidade das atividades, os alunos produziram autorretratos sobre papel, utilizando tinta guache e tinta PVA, explorando as noções de lateralidade – esquerda e direita. Nesta etapa, estabelecemos um diálogo com a professora Loyana Souza, de Educação Física, que havia observado dificuldades dos alunos do 6º ano em compreender e diferenciar essas referências espaciais (Fig. 17).

Fig. 17: Aluno de 6º ano explorando as noções de lateralidade em seu autorretrato.



Fonte: Própria.

O interesse dos alunos na investigação de suas cores de pele e das cores de pele de seus colegas manteve-se presente nesta atividade. Para tanto, utilizamos a técnica de mistura das cores vermelho, amarelo e verde, proposta pela artista Angélica Dass. Essa estratégia permitiu aos alunos refletir sobre a diversidade de cores de pele (Fig. 18, Fig. 19).

Fig. 18 e Fig. 19: Alunos do 6º e 7º ano investigam suas cores de pele com tinta guache e tinta PVA.



Fonte: Própria.

Dando sequência à proposta *Eu + você = nós*, no intuito de acolhermos e trabalharmos algumas dificuldades e inquietações apresentadas pelos nossos alunos, propusemos o desenvolvimento de autorretratos a partir da associação entre cores, emoções e expressões faciais. De acordo com Luciano Guimarães, “a utilização da informação cromática pela cultura pode determinar sistemas de agrupamento, identificação, armazenamento e transmissão diferentes” (Guimarães, 2003, p.91).

Realizamos exercícios voltados à representação gráfica e simplificada de expressões faciais, sentimentos e emoções. Em seguida, os alunos desenvolveram autorretratos sobre papel, utilizando tinta guache e tinta PVA. Em um primeiro momento, os trabalhos foram realizados apenas em tons de cinza (Fig. 20, Fig. 21).

Fig. 20 e Fig. 21: Autorretratos em tons de cinza de alunos do 6º e 7º ano.



Fonte: Própria.

Desse modo, trabalhamos o atributo da cor denominado “claridade”, explorando valores acromáticos que correspondem ao branco, preto e cinza – este último obtido pela mistura de branco e preto – e suas variações de clareamento e escurecimento.

Posteriormente, os estudantes exploraram uma paleta restrita composta por azul, cinza, branco e preto e, em seguida, por vermelho, cinza, branco e preto com o objetivo de trabalhar o conceito de ‘saturação’(Fig. 22).

Fig. 22: Autorretratos azul, cinza, branco e preto e, por fim, por vermelho, cinza, branco e preto de alunos do 6º e 7º ano.



Fonte: Própria.

A saturação refere-se à força ou pureza cromática de uma cor, isto é, à variação que vai do matiz mais puro ao seu correspondente acinzentado (Quattrer, 2029, p.133). Este costuma ser um dos conceitos mais desafiadores para os alunos compreenderem e diferenciarem. Mais uma vez, alguns alunos demonstraram interesse em utilizar suas próprias cores de pele; contudo, o desafio proposto consistia justamente em investigar outras possibilidades expressivas dentro da paleta cromática definida.

Finalizamos a proposta com a produção de pegadas coloridas sobre grandes folhas de papel dispostas no chão, em uma atividade inspirada nas investigações visuais da artista brasileira Regina Silveira. Utilizando tinta guache aplicada diretamente nos pés, convidamos os alunos a caminhar sobre o papel, registrando as marcas do corpo em movimento e criando um percurso coletivo de impressões. Durante o deslocamento, as cores aplicadas nos pés se misturavam sobre o suporte, produzindo novas cores e evidenciando, de forma sensível e experimental, os processos de mistura das cores (Fig. 23).

Fig. 23: Pegadas coloridas de alunos do 7º ano.



Fonte: Própria.

Alguns alunos demonstraram inicialmente certa timidez em expor os pés, o que gerou risos e comentários entre os colegas; entretanto, à medida que a atividade se desenvolvia, o clima de descontração e confiança favoreceu a participação da turma. A experiência foi particularmente emocionante para nós: havíamos preparado a sala para que a aluna cadeirante pudesse registrar suas marcas com as rodas da cadeira, mas ela preferiu caminhar, com o apoio da professora e dos cuidadores, deixando também suas pegadas no papel (Fig. 24). Esse momento reforçou o caráter coletivo e afetivo da proposta, ampliando a compreensão das possibilidades expressivas do corpo, da cor e da marca no espaço.

Fig. 24: Aluna cadeirante do 6º ano sendo preparada para participar da atividade, com auxílio da professora e dos cuidadores.



Fonte: Própria.

Alguns trabalhos da proposta *Eu + você = nós* integraram o *Percurso Expositivo: Ainda bem que a gente tem a gente*, apresentado no 24º Congresso Internacional e 30º Seminário Nacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos – COINES 2025, juntamente com outras propostas desenvolvidas pela equipe do Núcleo de Artes do INES. A nossa participação no COINES constituiu um momento significativo para os alunos surdos, que puderam apreciar seus próprios trabalhos e de seus colegas, reconhecendo-se como autores e participantes de um espaço coletivo de produção e fruição artística. A experiência colaborou na valorização das produções dos alunos e ampliou as possibilidades de circulação e visibilidade das práticas desenvolvidas no Núcleo de Artes do INES entre a comunidade escolar e o público externo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta *Eu + você = nós* evidenciou o potencial das práticas artísticas como espaço de experimentação, diálogo e construção coletiva de sentidos na educação com surdos. Ao longo das atividades desenvolvidas, observamos que a investigação da cor, associada ao desenho, colagem, fotografia, pintura e experimentações corporais, foi potencializada por procedimentos de ensino-aprendizagem que articulam percepção, expressão e reflexão crítica.

As atividades propostas possibilitaram aos alunos surdos explorar modos de representação de si e do outro, promovendo reflexões sobre identidade, diversidade e pertencimento. Ao mesmo tempo, a abordagem adotada valorizou experiências sensoriais e visuais, aspectos particularmente relevantes no contexto da educação com surdos, nos quais a visualidade desempenha papel central nos processos de comunicação e aprendizagem.

Destacamos ainda que práticas pedagógicas baseadas na experimentação artística contribuem para a construção de ambientes educativos mais inclusivos, nos quais diferentes ritmos, habilidades e formas de participação são reconhecidos e valorizados. A participação ativa dos cuidadores e o uso de recursos pedagógicos como o acervo da Modateca – INES também demonstraram ser elementos importantes para ampliar as possibilidades de acesso e envolvimento dos alunos nas atividades.

Por fim, a circulação de parte das produções no COINES 2025 ampliou a visibilidade dos trabalhos e fortaleceu o reconhecimento dos alunos como autores de suas próprias produções artísticas, contribuindo para o fortalecimento da cultura visual e da valorização das práticas desenvolvidas no Núcleo de Artes do INES

REFERÊNCIAS:

- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- FROVA, A. **Luce, colore, visione: perchè si vede ciò che si vede**. Milano: BUR Scienza, 2008.
- GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**. São Paulo: Annablume, 2004.
- MONZEGLIO, E. **Interpretação do significado de módulo/cor: contribuição ao estudo da cor e sua aplicação na programação de mensagens visuais**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.
- QUATTRER, M. **A cor no livro didático de arte**. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- LYRA, J., VIGNOLI, L., QUATTRER, M., CUCCO, M., CAVASSIN, J., TUTTMAN, A. M. **Nossa cor: o encontro com Humanæ e Angélica Dass**. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 59, jul-dez, 2023. Disponível em: [https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1761]. Acesso em: 3 mar. 2026.